



IDEIAS & DEBATES



DELPHINE GARDEY

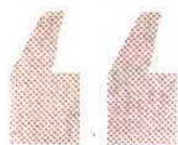
O ACESSO DESIGUAL À TECNOLOGIA

As mulheres ainda não acederam ao Olimpo da criação tecnológica, mas não devem abdicar de exercer o seu olhar particular. Segundo a historiadora e socióloga francesa Delphine Gardey, a passividade feminina perante os ecrãs tem de acabar, porque as mulheres não se podem alhear do mundo em que querem viver



A diretora do Instituto de Estudos do Género da Universidade de Genebra, Delphine Gardey, esteve em Portugal há uma semana para falar sobre as ligações entre a literacia, a tecnologia e a política. Um argumento para conversar sobre o papel ocupado pela mulher na sociedade contemporânea, profundamente tecnológica, e sobre a necessidade de se fazer uma permanente pedagogia das imagens digitais, sob pena de assistirmos à submersão da nova geração num mundo onde a realidade pode deixar de fazer sentido. Professora de História Contemporânea na Universidade de Genebra, Delphine Gardey tem dedicado grande parte da sua carreira académica a estudar a história da ciência e da tecnologia. O seu próximo livro vai discutir as relações de género ao longo da história do Parlamento francês e deverá ser publicado em janeiro de 2015. Apaixonada por caminhadas, a académica francesa aproveitou a vinda a Lisboa para visitar o Museu do Azulejo e, antes de começar o seu seminário no Instituto de Ciências Sociais, falou com o Expresso sobre a importância de se olhar para a tecnologia sem a naturalizar. Porque o que mais importa é perceber o uso político que se faz da tecnologia.

Num mundo em que a tecnologia e a ciência estão em toda a parte, é possível falar num género para a ciência e para a tecnologia? São atividades masculinas? Há áreas tradicionalmente socializadas como mais próximas dos homens e outras das mulheres. A antropologia debruçou-se sobre esta questão e, mais do que num género, devemos falar em diferentes utilizações. Por exemplo, a cultura e



O que é preciso perceber é que, por trás de toda a conceção da tecnologia e da sua utilização, está uma abordagem política do género

as ciências sociais acabaram por ficar mais associadas, na nossa sociedade, ao universo feminino, enquanto as engenharias são da ordem do masculino.

Porque é que se estabeleceu esta diferença de utilização entre homens e mulheres e o mundo digital? Porque a socialização assim o determina.

Desde a infância... Sem dúvida. A ligação à técnica estabelece uma expectativa de comportamento. Ou seja, até à década de 70, em países como a França, Portugal ou Espanha, esperava-se que as raparigas casassem, e, por isso, elas tinham de tratar do seu enxoval e muitas aprendiam a técnica da costura, o que lhes determinava um caminho. A antropóloga italiana Paola Tabet aborda esta divisão sexual do trabalho e explica que a técnica desenvolvida depende do instrumento utilizado. E diz que muitos utensílios não estão desenhados para o corpo feminino.

Apesar dos avanços, esta situação ainda se

mantém? Sim, até porque as técnicas dominadas pelas mulheres não são reconhecidas pela sociedade como tal. Por exemplo, quando as mulheres dominavam a fixação dos discursos e a organização dos trabalhos de escritório através da técnica de escrever à máquina ou da estenografia, estas atividades nunca foram reconhecidas como um conhecimento técnico, embora tenham transformado radicalmente as relações de trabalho. É que existe uma codefinição entre a técnica e o que é masculino. Por isso, não é fácil para as mulheres entrarem neste universo. E esta relação começa muito cedo. Por exemplo, o Lego, na década de 70, tinha apenas peças azuis, verdes, amarelas e vermelhas e não distinguia o género do utilizador, mas, atualmente, há Legos femininos ou masculinos. E, nos supermercados, já é possível ver a sexualização deste jogo.

Não é a tecnologia que tem um género, é a sociedade que o impõe. Há uma construção de



IDEIAS & DEBATES

significado a partir da utilização. E, depois de um utensílio ficar associado a uma utilização e a um género, é muito mais difícil alterar esta associação. Na história da tecnologia, diz-se que a mulher é preferencialmente uma utilizadora ou consumidora de tecnologia, não uma produtora. Não concebe, o que é uma dificuldade acrescida. A engenharia parece ser um dos últimos sectores a deixar-se feminizar. A conceção da tecnologia e dos objetos ainda é feita por homens, tendo em conta as suas necessidades e características. **Porque é que, quando pensamos em empresas do universo digital, os dirigentes são, em geral, homens? Na Google, Microsoft, Apple e mesmo no Facebook, onde a número dois, Sheryl Sandberg, é uma mulher forte, os líderes são homens...** A mulher tem um lugar secundário na economia digital. Basta olhar para o segmento dos jogos de telemóveis e das consolas, caracterizado por criadores muito jovens e do sexo masculino. É difícil para as mulheres trabalharem nesta área. A forma como os jogos são concebidos acaba por ser também fortemente masculinizada. O que é preciso perceber é que, por trás de toda a conceção da tecnologia e da sua utilização, está uma abordagem política do género.

Quando a mulher é criadora de tecnologia e de ciência, as suas criações refletem o seu género ou ela deixa-se absorver pelo meio maioritário em que está inserida? É difícil dizer... A verdade é que algumas mulheres, quando se tornam cientistas, parecem transformar-se num homem como os outros. O que se pode dizer é que a partir de um certo nível não deve haver diferença, mas também é verdade que, em alguns casos, as abordagens diferem. Por exemplo, na antropologia da ciência, durante muito tempo, considerava-se que o óvulo era passivo e o espermatozoide ativo, determinando um papel secundário para a mulher no processo de conceção. Era uma metáfora para a dominação masculina do ato sexual. Mas, a partir de determinado momento, algumas biólogas começaram a colocar a questão sobre se seria realmente assim. Percebeu-se então, com novos meios técnicos que antes não estavam disponíveis, que havia atividade bioquímica do óvulo. O que temos de saber, portanto, é que pergunta devemos fazer aos nossos objetos de estudo. Há momentos em que temos de colocar determinadas questões, que antes não conseguíamos. Esta é a minha principal preocupação, caso contrário as situações cristalizam-se.

E que questão devemos colocar à técnica no nosso contexto atual? Essa é uma pergunta que está para lá do género mas que as mu-



A ciência e a tecnologia têm uma capacidade demiúrgica que se impõe à sociedade. É preciso não abrir mão de participar nesta dinâmica. Os cidadãos têm de pedir contas aos seus cientistas

lheres devem fazer: até onde queremos levar a nossa ideia de mundo tecnológico, sobretudo no que diz respeito à biotecnologia? É uma indagação política que deve ser expressa por todos. Até que ponto tanta tecnologia é positiva? O que nos traz? Temos de ser responsáveis pelo tipo de ciência e de tecnologia que fazemos. No campo da procriação artificial, por exemplo, temos de questionar que política está subjacente. Iremos até onde para chegar onde? São questões que devem ser colocadas pelas mulheres enquanto cidadãs. Que ciência? De quem e para quem? E que consequências terá para as mulheres do Hemisfério Norte face às do Sul? São preocupações éticas. No fundo, trata-se de assumir a responsabilidade sobre a sociedade que produzimos com a tecnologia. Não podemos parar de nos indagar sobre esta ordem social e política, porque é preciso não esquecer que o social vem sempre mais tarde. A ciência e a tecnologia têm uma capacidade demiúrgica de criação que se impõe à sociedade. O que é criado está no mundo e, logo, temos de lidar com isso. E é preciso não abrir mão de participar nesta dinâmica. Os cidadãos têm de pedir contas aos seus cientistas.

Toda esta discussão sobre que ciência e tecnologia, de quem e para quem, não deixa de fora a imensa maioria de mulheres que ainda luta pela sobrevivência e contra a violência doméstica? Sim, talvez. É preciso abrir os computadores às mulheres, literalmente, elas têm de perceber como funcionam, aceder ao hardware, passar para lá dos ecrãs. É uma questão de oportunidade e de dar mais poder às mulheres (*empowerment*). Há feministas que se preocupam com estas questões, mas eu também me preocupo quando vejo que 80% do tráfego na internet está associado à pornografia. Nunca as nossas crianças e jovens foram confrontados, de forma involuntária, com tanta pornografia disponível. Ou seja, mais do que uma questão técnica, há uma questão de apropriação, de utilização, que tem de ser discutida. A net pode ser um instrumento de emancipação, mas também é um espaço de luta política onde se reproduzem hierarquias patriarcais.

As novas gerações estão mais bem preparadas para desconstruir este aparelho? Talvez não. É preciso desconstruir o poder da imagem, ter uma leitura crítica das imagens que nos envolvem na internet, fazer uma verdadeira pedagogia da imagem. Está lá tudo, sem fontes, como se fosse real, e é preciso perceber o que está por trás do que nos é apresentado. **A**